

Matheus Nachtergaele

Evan do Carmo

Matheus Nachtergaele



EDITOR DO CARMO

Evangelista Bezerra do Carmo
Brasília/DF

Copyright 2025 por **Evan do Carmo**

Matheus Nachtergaele

Coordenação editorial:

Evangelista Bezerra do Carmo

Diagramação:

Bruno Eustáquio

Capa:

Evan do Carmo

ISBN 9786501337203



EDITOR DO CARMO

editoradocarmo@gmail.com

Editor Evan do Carmo 61-98118-8607

MATHEUS NACHTERGAELE

Por Evandro Carmo

Algumas almas não pertencem inteiramente ao mundo. Elas transitam entre tempos, entre dimensões invisíveis, entre o concreto e o etéreo, carregando em si a marca de algo raro, quase mítico. Matheus Nachtergaele é uma dessas almas. Não se limita ao teatro ou ao cinema, não cabe nos rótulos de ator, diretor ou dramaturgo. Ele é um fenômeno de sensibilidade, um artista que não interpreta apenas personagens, mas sim a própria essência da vida e da memória.

Este livro não é uma biografia. Não se prende à linearidade dos fatos ou à listagem de seus papéis mais famosos. É, antes, um mergulho na substância poética e metafísica de Matheus Nachtergaele, uma exploração da grandeza de um homem que fez da arte sua morada e do passado um espelho para entender o presente.

O Peso da Ausência e a Construção da Arte

Matheus Nachtergaele perdeu a mãe cedo demais. Uma tragédia que só lhe foi revelada aos dezesseis anos. Antes disso, sua infância esteve repleta de mistérios e silêncios, um território de lacunas e sombras onde a figura materna era uma presença ausente. Mas a revelação da perda não

Matheus Nachtergaele

foi apenas um golpe – foi também um chamado. Matheus foi atrás de sua mãe, não no sentido físico, mas espiritual. Descobriu seus escritos, seus poemas, os traços de sua alma deixados no papel. E nessa busca encontrou muito mais do que respostas: encontrou um vínculo, uma linha invisível que o ligava a ela através da poesia.

Essa busca tornou-se uma necessidade vital. Matheus Nachtergaele decidiu transformar essa dor em algo sublime. Criou um espetáculo em homenagem à mãe, trouxe para o palco a memória e os versos que ela deixou, dando-lhe voz, corpo e vida novamente. Esse gesto diz muito sobre quem ele é: um homem que não teme enfrentar os próprios abismos, que compreende a arte como um espaço de redenção, um território onde é possível resgatar o que o tempo tentou apagar.

Como não lembrar de Antonin Artaud e sua visão do teatro como um ritual? Para Artaud, a arte deveria tocar as fibras mais profundas do ser humano, provocar, transformar. Matheus Nachtergaele, com sua entrega visceral e sua conexão com o sagrado e o profano, parece seguir essa mesma linha. Ele não atua – ele encarna, ele vive, ele sangra em cena.

A Origem como Destino

A história de Matheus Nachtergaele nos ensina sobre a força da origem, sobre o peso daquilo que nos antecede. Como Rainer Maria Rilke disse certa vez, "a única pátria

verdadeira do homem é a infância." Matheus Nachtergaele carrega sua infância como uma âncora e um motor, um espaço ao qual sempre retorna para compreender sua arte e sua existência. Sua mãe, mesmo na ausência, moldou seu caminho. Sua sensibilidade, seu olhar sobre o mundo, sua forma de transitar entre o cômico e o trágico, entre a farsa e a poesia, tudo parece enraizado nessa ausência que ele ressignificou.

Artistas assim são raros. Como Van Gogh, que transformava sua dor em pinceladas que ardiam como fogo sobre a tela. Como Fernando Pessoa, que desdobrava a própria alma em heterônimos para compreender-se melhor. Como Clarice Lispector, que escrevia como quem tentava decifrar um mistério que nunca se revela por completo. Matheus Nachtergaele pertence a essa linhagem. Ele não se contenta com a superfície, não se limita a dizer palavras decoradas ou a repetir gestos ensaiados. Seu teatro é ritual, sua atuação é um mergulho no insondável.

Um Artista Generoso

Mas há algo mais. Algo que transcende seu talento extraordinário. Matheus Nachtergaele é um homem generoso. Diferente de tantos que, ao alcançar o topo, se fecham em si mesmos, ele estende a mão. Dialoga com o público, dá espaço aos pequenos, reconhece a arte onde quer que ela esteja.

Foi através de críticas que escrevi sobre O Auto da Compadecida 2 que nossos caminhos se cruzaram. O impacto desses textos foi surpreendente. As pessoas começaram a acompanhar, a compartilhar, a comentar. Até que Matheus Nachtergaele, o próprio, viu, interagiu, repostou, me deu um "oi" pelo Instagram. E a partir dali, começou um diálogo. Um artista que está no topo, mas que olha para os que estão ao redor, que respeita a opinião de críticos independentes, que entende a arte como um movimento coletivo, não como um pedestal solitário.

E foi nesse contexto que surgiu a ideia deste livro. Porque Matheus Nachtergaele merece mais do que simples elogios. Ele merece um estudo, uma homenagem, uma reflexão sobre sua grandiosidade e seu legado.

A Construção de um Legado

Este livro não tem a pretensão de esgotar o que é Matheus Nachtergaele. Isso seria impossível. Ele é um mistério em constante reinvenção, um artista que não se deixa aprisionar por definições. O que faço aqui é uma leitura poética e metafísica de sua trajetória e de seu espírito criador.

Assim como ele buscou nos poemas de sua mãe a essência de sua origem, este livro busca, em sua arte e em sua humanidade, os traços que fazem dele uma figura única. Matheus Nachtergaele não é apenas um ator brilhante, é uma força que nos ensina sobre memória, sobre entrega

e sobre o poder da arte em nos conectar com o que há de mais profundo em nós.

Que esta obra seja, então, um espelho para aqueles que, como ele, acreditam que a arte pode ser muito mais do que um espetáculo – pode ser uma busca, um ritual, um ato de amor e de redenção.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| O Livro de Jó e a Perpetuidade do Sofrimento A Revelação de Matheus Nachtergaele no Teatro da Dor | 19 |
| Início e Formação no Teatro: A Busca pelo Impossível..... | 29 |
| Raízes e Formação - A Origem de um Artista | 41 |
| Infância e Formação – O Primeiro Palco do Mundo | 49 |
| A Mãe e o Legado da Arte | 55 |
| O Imortal Espetáculo de Matheus Nachtergaele | 65 |
| O Eco da Mãe..... | 73 |
| “A Face como Fronteira: A Dissolução do Eu na Matéria | 83 |
| O Corpo como Signo — Matheus Nachtergaele e a Arte de Transcender a Dor | 89 |

| | |
|--|-----|
| A Poesia do Desespero em "Cidade de Deus" e a Atuação de Matheus Nachtergaele..... | 99 |
| A Arte de Ser Outros – A Atuação de Matheus Nachtergaele na Televisão | 107 |
| Matheus Nachtergaele - A Arte como Encantamento e Transfiguração..... | 117 |
| A Consagração de Matheus Nachtergaele: Prêmios e Homenagens..... | 125 |
| Comparo Maria Cecília Nachtergaele com Florbela Espanca..... | 137 |
| Processo de Conscerto do Desejo: Ecos de Eternidade e a Poética da Ausência..... | 145 |
| Matheus Nachtergaele e a Poesia da Quebra da Quarta Parede em Renascer | 155 |
| A Existência de Jota: Entre Risos e Lágrimas..... | 163 |
| Helinho e a Metafísica do Engano: Matheus Nachtergaele em "Da Cor do Pecado" | 171 |

| | |
|--|-----|
| A Nova Máscara de Poliana: Matheus Nachtergaele e a Filosofia da Arte de Interpretar | 179 |
| Matheus Nachtergaele em "Cine Holliúdy" (2019): O Riso como Resistência | 189 |
| A Meiguice Sublime de Matheus Nachtergaele | 195 |
| Matheus Nachtergaele e a Essência Teatral em Molière, Uma Comédia Musical..... | 207 |
| Matheus Nachtergaele em Central do Brasil: O Ator como Poeta das Margens..... | 215 |
| Matheus Nachtergaele em Amarelo Manga: O Corpo e a Carne da Degradação..... | 221 |
| Matheus Nachtergaele em A Festa da Menina Morta: O Rito da Loucura e da Fé..... | 227 |
| Matheus Nachtergaele em Serra Pelada: O Ouro e a Condenação da Alma..... | 233 |
| Matheus Nachtergaele em Mãe Só Há Uma: O Teatro da Identidade..... | 241 |

| | |
|---|-----|
| Matheus Nachtergaele em Zama: O Espectro da Espera | 249 |
| Matheus Nachtergaele em Cabras da Peste: O Riso como Redenção | 255 |
| Matheus Nachtergaele em Mais Pesado é o Céu: O Corpo como Poesia | 261 |
| Matheus Nachtergaele em “Hilda Furacão” (1998): A Dança da Liberdade..... | 267 |
| Matheus Nachtergaele em “A Muralha” (2000): A Fé e o Destino..... | 273 |
| Matheus Nachtergaele em “América” (2005): O Sonho e o Exílio | 279 |
| Matheus Nachtergaele em “Saramandaia” (2013): O Lúdico e o Impossível..... | 285 |
| Matheus Nachtergaele em “Doce de Mãe” (2014): A Ternura e o Tempo | 291 |
| Matheus Nachtergaele em “Cine Holliúdy” (2019): O Riso como Resistência | 297 |

| | |
|--|-----|
| A Filosofia em “O Enfermeiro” e a Atuação de Matheus Nachtergaele..... | 303 |
| Tapete Vermelho – A Odisseia Caipira e o Resgate de um Brasil Perdido..... | 311 |
| Bibliografia..... | 317 |
| Fonte..... | 320 |

Algumas almas nã o pertencem inteiramente ao mundo.

mas transitam
reto e o et
base m tic
No se
ator,
idade
mas



Poema para Mathheus Nachtergaele

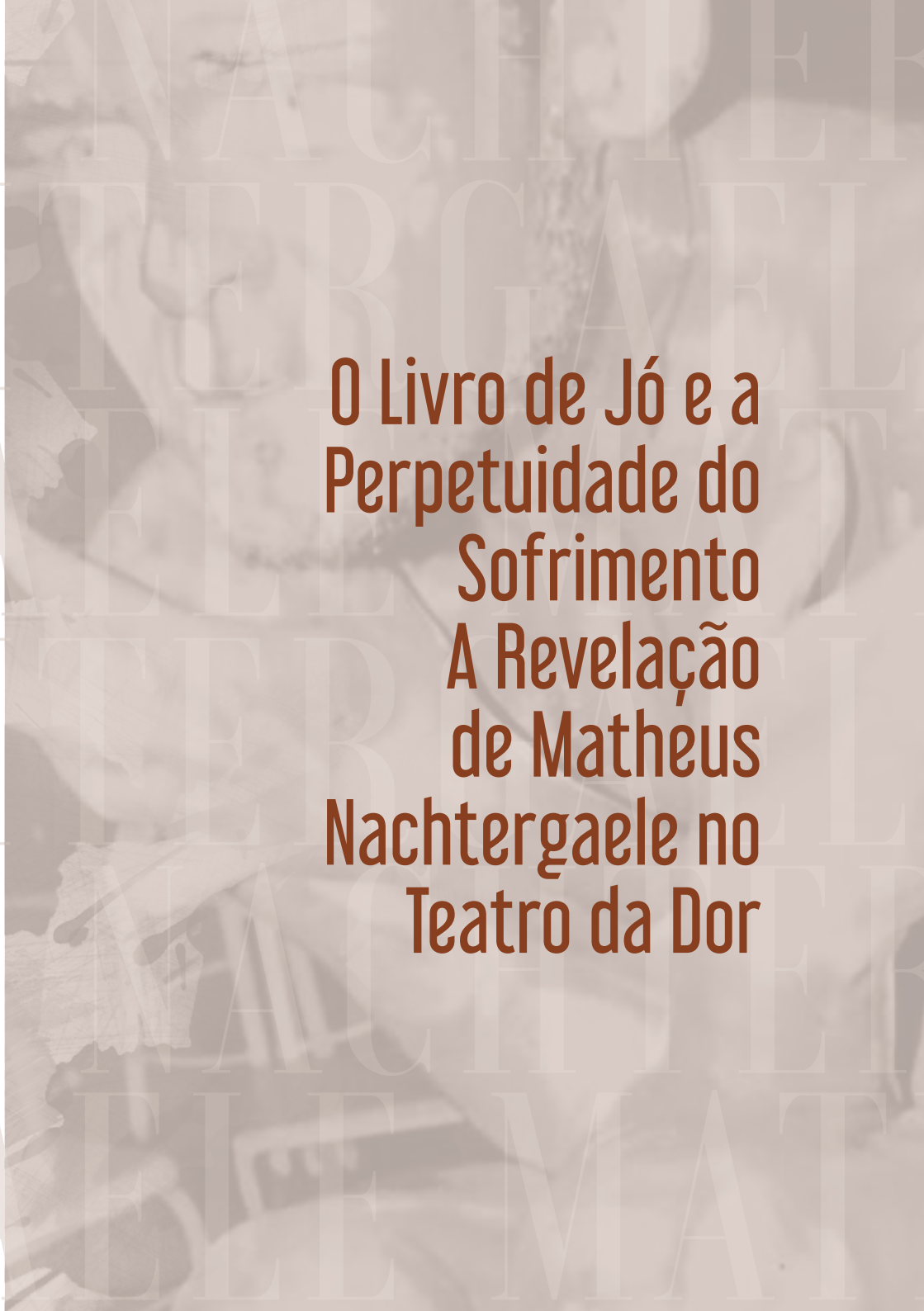
No palco, ele nã o pisa de leveito,
entre o sagrado e o profano, entre o verbo e o sil ncia.
Correça nos olhos a vertigem dos s culos,
no peito, a febre dos que fogem da arte um destino.

A dor nã o o curva, o abismo nã o o ofoga.
Ele dan a sobre os cacos da aus ncia,
recolhe os vestígios de um nome que nunca partiu,
e os devolve ao mundo em cena, em chama, em f rio.

Seu corpo verso, sua voz, uma carta esquecida,
um eco de todos que amaram sem resposta.
Ele encarna o que o tempo desfog,
e do esquecimento fog rito, fog oferendo.

E quando as cortinas se fecham, a luz permanece,
porque h almas que nã o pertencem ao mundo,
mas insistem em ilumin -lo,
como se viver fosse um limo ato de reden o.





O Livro de Jó e a
Perpetuidade do
Sofrimento
A Revelação
de Matheus
Nachtergaele no
Teatro da Dor

O livro de Jó não é um tratado de submissão, tampouco um hino à resignação. Ele é o palco de um embate cósmico, a arena metafísica onde se coloca em questão o próprio direito de Deus governar o mundo. Ele não se limita à teodiceia, ao questionamento moral da dor, mas avança para uma zona abissal: se a lealdade humana resiste à destruição de todas as garantias, se Deus pode ser amado sem retribuição, se o caos é um modo de revelação.

Ao assumir o papel de Jó, Matheus Nachtergaele não apenas encarnou um personagem, mas fez do seu corpo o próprio argumento da peça. A interpretação de Nachtergaele não era meramente representacional—ela era ritualística. O teatro não é um palco comum para debates teológicos, mas quando ele se abre à dimensão do sagrado, ele se transforma em uma espécie de altar do real. E foi isso que aconteceu em O Livro de Jó, montado pelo Teatro da Vertigem. A encenação não se limitava a um texto, mas era um sacrifício cênico, uma experiência que transcendia a narrativa bíblica e se inscrevia diretamente no corpo do ator.

A imagem de Matheus nu em cena, despojado de tudo, é um renascimento e uma aniquilação. Ele se apresenta ao público como Jó diante de Deus: nu saí do ventre de minha mãe, nu retornarei à terra. A nudez ali não é um gesto de exposição, mas uma ontologia. Não há mais adereços, não há mais convenções, não há mais nada

além da carne e da voz. E é neste corpo nu que a peça se instala como uma experiência coletiva do sofrimento humano. Não há tragédia pessoal, mas sim a expressão de um luto cósmico.

Jó é um homem colocado em juízo, mas o tribunal que se forma não julga apenas sua fidelidade, e sim a própria justiça divina. Seu sofrimento não é um castigo, mas um teste. Ele não precisa apenas sobreviver à dor—ele precisa responder à dor. Como interpretar esse lugar? Como dar voz a um personagem que não apenas sofre, mas que precisa enfrentar o silêncio de Deus?

A Força do Corpo em Estado de Ruína

O corpo de Matheus Nachtergaele, franzino, nervoso, denso, assumia a fisionomia do homem à beira do abismo. Seu Jó não era um simples mártir: era um ser convulso, dilacerado, sustentado por algo que o próprio público não conseguia definir. O que ainda o mantinha de pé? O que, afinal, sustenta um homem quando tudo lhe foi tirado?

Essa é a pergunta que a peça impõe. E Nachtergaele não a responde de modo convencional. Ele não a responde com lamentos retóricos ou com gestos previsíveis de desespero. Ele a responde com uma resistência brutal, quase insuportável. Há momentos em que sua performance parece se dissolver, como se o próprio ator não

suportasse mais estar ali. Mas então ele continua, e esse continuar é mais forte do que qualquer clímax emocional.

Aqui, a interpretação se torna experiência. A dor não é um artifício, ela é a matéria-prima do espetáculo. O hospital desativado, onde a peça foi encenada, potencializava essa sensação. O espaço era um corpo doente, e a peça era um ritual de exumação. Não era um teatro confortável, não era um espetáculo feito para emocionar, mas para assombrar.

Jó, na Bíblia, é um homem de profunda fé que se torna o epicentro de uma disputa invisível entre Deus e Satanás. Mas na montagem de O Livro de Jó, o próprio público se torna parte dessa disputa. O espectador não é mais um observador externo. Ele está ali, dentro do tribunal, diante do sofrimento cru. Ele vê o corpo em declínio, vê a nudez que se torna metáfora da existência despojada. E então, ele se pergunta: o que faria em seu lugar?

A Metafísica da Perda

O que acontece quando a vida humana é reduzida ao osso? O que resta quando não há mais um sistema de recompensas, quando não há mais sentido previsível?

Jó não pede respostas fáceis. Ele exige que se encare a realidade na sua dimensão mais árida. E Nachtergaele entendeu isso como poucos. Sua interpretação não foi

uma dramatização do sofrimento, mas uma vivência real do esvaziamento. Seu corpo não representava Jó, seu corpo era Jó.

Se a peça se tornou um marco, foi porque tocou em um ponto que a humanidade teme encarar: a possibilidade do sofrimento sem causa. Não o sofrimento por culpa, não o sofrimento como consequência, mas a dor pura, desprovida de explicação.

E, no entanto, Jó se mantém. Ele não se rebela de forma convencional, não amaldiçoa a Deus como Satanás esperava. Ele se revolta, sim, mas sua revolta é feita de perguntas, não de blasfêmias. E Matheus Nachtergaele captou essa nuance com uma profundidade que poucos atores seriam capazes. Seu Jó não era um homem conformado, mas um homem que desafiava o próprio universo ao se recusar a ceder ao desespero absoluto.

O Julgamento de Deus e do Homem

Se Jó está sendo testado, Deus também está. E a peça evidencia isso de forma radical. O público se vê diante de uma situação onde não há um veredito simples. Se Deus tem o direito de governar o mundo, por que escolhe governá-lo assim? Se Jó é um homem justo, por que precisa ser esmagado para provar sua justiça?

Esse dilema se estende para além da teologia e atinge o campo do social. O Livro de Jó não é apenas uma história religiosa—ele é uma alegoria do mundo. Ele fala sobre desigualdade, sobre sofrimento estrutural, sobre a condição dos esquecidos. A montagem explorou essa dimensão ao escolher um hospital abandonado como cenário. O ambiente em si já falava de um abandono maior. O Brasil, de certa forma, é um Jó coletivo, submetido a provações incessantes, a perdas irreparáveis, à sensação de que a justiça está sempre em outra parte.

E Matheus Nachtergaele, ao assumir esse papel, não interpretou apenas um personagem bíblico. Ele deu voz a esse Brasil esfolado, a esse povo que vive a experiência de Jó diariamente, sem a poesia, sem a garantia de que, ao final, tudo será restaurado.

Conclusão

O Livro de Jó permanece como um dos mais profundos enigmas da tradição ocidental. E a montagem do Teatro da Vertigem, com a atuação devastadora de Matheus Nachtergaele, fez desse enigma uma experiência concreta. Não era apenas um espetáculo, era uma vivência.

A peça não ofereceu respostas. O teatro, quando verdadeiro, não pode ser um lugar de soluções fáceis. Mas ele pode ser um lugar de revelação. E o que foi revelado ali, naqueles corredores frios, naqueles corpos em esta-

do de ruína, foi que o sofrimento não pode ser explicado, mas pode ser compartilhado.

E talvez seja essa a grande lição do Jó de Nachtergaele. Ele não nos deu respostas, mas nos obrigou a sentir. E sentir, no fim, pode ser a única coisa que nos resta.

Algumas almas nã o pertencem inteiramente ao mundo.

mas transitam
reto e o et
base m tic
No se
ator,
idade
mas



Poema para Mathheus Nachtergaele

No palco, ele nã o pisa de leveito,
entre o sagrado e o profano, entre o verbo e o sil ncia.
Correça nos olhos a vertigem dos s culos,
no peito, a febre dos que fogem da arte um destino.

A dor nã o o curva, o abismo nã o o ofoga.
Ele dan a sobre os cacos da aus ncia,
recolhe os vestígios de um nome que nunca partiu,
e os devolve ao mundo em cena, em chama, em f rio.

Seu corpo verso, sua voz, uma carta esquecida,
um eco de todos que amaram sem resposta.
Ele encarna o que o tempo desfog,
e do esquecimento fog rito, fog oferendo.

E quando as cortinas se fecham, a luz permanece,
porque h almas que nã o pertencem ao mundo,
mas insistem em ilumin -lo,
como se viver fosse um limo ato de reden o.



WATHERUS
EUS NACH
WCHTER G
EUS NACH
WATHERUS
WCHTER G



**Início e Formação
no Teatro: A Busca
pelo Impossível**

Matheus Nachtergaele nasceu em 1969 e desde cedo se envolveu com a arte. Sua trajetória no teatro começou no Centro de Pesquisa Teatral (CPT) de Antunes Filho, um dos mais importantes núcleos formativos do Brasil. Aos 20 anos, ingressou no CPT e iniciou uma jornada que o levaria a se tornar um dos mais aclamados atores da cena nacional. No início dos anos 1990, participou da montagem de "Woyzeck", de Georg Büchner, sob a direção de Cibele Forjaz, e rapidamente se destacou por sua habilidade em transitar entre personagens complexos e de forte carga emocional.

Seu envolvimento com o Teatro da Vertigem foi um dos momentos cruciais de sua formação. Na peça "O Livro de Jó", Matheus foi reconhecido por sua performance intensa, que lhe rendeu prêmios como o Shell, Mambembe e o APCA de Melhor Ator. Essa fase inicial do seu trabalho no teatro é fundamental para entender a base de sua atuação, marcada por uma entrega visceral e um profundo respeito pela tradição teatral.

A Ascensão no Cinema: Uma Carreira Repleta de Destaques

Matheus Nachtergaele logo se lançou no cinema, e seu talento foi rapidamente reconhecido por críticos e público. Em 1997, ele participou de dois filmes que marcaram sua estreia no cinema brasileiro: *Anahy de las Misiones* e *O Que É Isso, Companheiro?*, sendo este

último indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Sua interpretação como Jonas, um dos guerrilheiros envolvidos no sequestro do embaixador dos Estados Unidos, foi amplamente elogiada, e Matheus recebeu o prêmio de Melhor Ator Coadjuvante no 3º Prêmio Guarani de Cinema.

Nos anos seguintes, o ator se consolidou como uma das grandes figuras do cinema nacional, participando de produções memoráveis como *Cidade de Deus* (2002), *Amarelo Manga* (2002), *A Conceição* (2005), *Tapete Vermelho* (2006), *Febre do Rato* (2011), *Serra Pelada* (2013) e *O Auto da Compadecida 2* (2024). Em todos esses filmes, Matheus trouxe um caráter único para seus papéis, seja como um homem comum em busca de redenção ou como figuras mais complexas, desafiando sempre os limites da atuação. Sua habilidade de criar personagens profundos e inesquecíveis fez dele um nome indispensável no cinema brasileiro.

Televisão: A Popularidade e os Personagens Memoráveis

Além de seu sucesso no cinema, Matheus Nachtergaele também fez história na televisão. Em 1998, interpretou Cintura Fina na minissérie *Hilda Furacão*, um papel ousado e inovador, no qual o ator deu vida a um personagem transexual. A atuação foi aclamada, conso-

lidando a imagem de Matheus como um ator disposto a explorar temas e personagens desafiadores.

No mesmo ano, ele interpretou João Grilo na minissérie ***O Auto da Compadecida***, adaptação da obra de Ariano Suassuna. A minissérie e a subsequente adaptação cinematográfica se tornaram um marco na televisão brasileira e consolidaram Matheus como um dos grandes nomes da dramaturgia nacional. Seu desempenho em ***O Auto da Compadecida*** foi fundamental para o sucesso da obra, tornando o personagem João Grilo uma das figuras mais queridas da TV brasileira.

Em 2011, participou da novela ***Cordel Encantado***, um papel que o levou novamente à tela da televisão. Mais recentemente, em 2020, Matheus participou da série ***Todas as Mulheres do Mundo***, onde demonstrou mais uma vez sua habilidade em criar personagens complexos e multifacetados.

Direção e Outras Produções: O Artista Multidisciplinar

Além de sua brilhante carreira como ator, Matheus Nachtergaele também se aventurou na direção e na produção. Sua visão artística ultrapassa os limites da interpretação, o que lhe permitiu explorar outras formas de expressão e experimentar com diferentes linguagens. Sua incursão no mundo da direção é um reflexo de sua